

2

O Cinema e as Cidades

minha visão de Roma, Londres ou Paris se interessará a quem se interessa pela minha forma de olhar. Se querem saber coisas sobre economia, política, crimes, um entendimento profundo, eu não sou o suficiente

WOODY ALLEN (apud ALMEIDA, 2015)

2.1

Cinema e cidade: uma relação de amor

Ao passear por algumas cidades que nunca visitamos, através do cinema, estamos num processo intenso de construção de memórias e somos movidos a construir representações destas cidades. Através do cinema (da fotografia, pintura e outras formas de arte) mesmo que não tenhamos visitado Nova York, Madri ou Paris, somos capazes de dizer que elas são de um jeito ou de outro, por causa das imagens que nos foram transmitidas. A arte legitima as representações simbólicas da cidade e tais representações condicionam as formas como interagimos, nos aproximamos e a vivemos.

Pensando na frase do roteirista Syd Field (2001, p.5) que resume uma boa história a: “uma pessoa, num lugar, vivendo sua coisa”, podemos refletir sobre a importância do lugar em que se passa a história para compreendermos a vida, as características, a personalidade e a definição dos personagens. A relação cidade e cinema contribui para a construção de representações que estimulam uma discussão sobre a realidade das cidades. Os filmes criam em nosso inconsciente uma representação sobre como seria uma cidade ou outra, estimulando uma reflexão sobre o cotidiano dos indivíduos que ali vivem. Através dessa representação das cidades no cinema conhecemos outras realidades e reforçamos uma memória coletiva sobre outros povos, culturas e civilizações. Tais representações levantam discussões sobre o presente, passado e futuro de uma cidade e de como estamos nos relacionando com ela.

Em *As cidades invisíveis* de Ítalo Calvino (2003[1972]), nos diálogos entre o viajante Marco Polo e o imperador Kublai Khan, as cidades visitadas por Marco Polo sempre eram diferentes das imaginadas pelo imperador. Calvino trabalha com a relação existente entre memória, trocas, desejos e símbolos e nos mostra que cada pessoa tem uma cidade em sua mente, as cidades são construídas a partir das particularidades de cada indivíduo. Através da representação das cidades no cinema, criamos tipos de cidades em nossas mentes, cidades que podem ser iguais a nossa imaginação ou diferentes.

Uma cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, ser-radelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 2003, p.16)

Nosso segundo capítulo fala sobre as cidades ou melhor, sobre as cidades e o cinema, as cidades construídas no cinema. Para nos ajudar nessa discussão escolhemos os filmes *Paris Eu te amo*, *Medianeras* e *Babel* que nos revelam o caminho para investigar as cidades representadas no cinema e suas relações com o cotidiano dos indivíduos.

A relação cinema e cidade existe desde a invenção do cinema com os irmãos Lumière, desde o primeiro filme, “*A chegada de um trem à estação*”, já encontramos uma relação entre as atividades do cotidiano da cidade e o cinema. Segundo Fabiana Crispino Santos, neste primeiro momento do cinema a cidade ocupa a função de locação e cenário, porém com o avanço da modernidade o filme torna-se uma experiência que guia os espectadores tanto pelas narrativas quanto pelas cidades retratadas. Crispino em seu livro: “*Olhares em movimento: Cidade e autoria no cinema de Pedro Almodóvar*”, diz:

A representação cinematográfica das cidades é uma atividade tão antiga quanto a do próprio cinema. Desde o início, percebe-se nas imagens em movimento uma grande preocupação em registrar o espaço urbano, as suas transformações e a sua importância na constituição dos sujeitos que habitam as cidades. (CRISPINO, 2012. p.18)

No livro *O cinema e a invenção da vida moderna* (2004) de Leo Charney e Vanessa R. Schwartz os autores afirmam que o cinema nasce no moderno, das preocupações do homem moderno, e estabelece uma relação em que as questões da

modernidade se confundem com as do cinema, sendo necessário para compreendermos o cinema estudarmos a modernidade. Segundo Charles Baudelaire a modernidade não pode ser pensada sem a cidade, essa relação cinema, cidade e modernidade é tão profunda que alguns autores dizem que não é possível entender a modernidade sem a cidade, que o cinema é arte da modernidade, que o cinema é a melhor forma de representar as características da modernidade, que a vida na cidade moderna prepara (e modifica) a percepção dos indivíduos para o surgimento do cinema e que a cidade moderna era cinematográfica antes mesmo do cinema. (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004).

As novas formas políticas e econômicas da modernidade, como o advento da Segunda Revolução Industrial na segunda metade do século XIX, deram as cidades mais importância e notoriedade, tornando-as um emblema da modernidade (CRISPINO, 2012. Pag. 19). Tais transformações proporcionaram aumento populacional e reorganização urbana como aconteceu em Paris no governo do prefeito do Barão Haussmann.

Nomeado por Napoleão III o Barão foi responsável pela reforma urbanística que modernizou a cidade de Paris e a transformou no que Walter Benjamin chamou de A capital da Modernidade. A reforma de Haussmann serviu de exemplo para outras reformas no mundo como foi o caso da reforma empreendida pelo presidente Rodrigues Alves através de seu prefeito Pereira Passos no Rio de Janeiro.

Na França a modernização demoliu construções e extinguiu ruas para a construção de grandes avenidas, realizou obras de infraestrutura e investiu na melhoria dos serviços públicos para dar a capital um ar de organização, planejamento, limpeza e modernidade.

Na imagem abaixo, é possível observar a cidade de Paris como símbolo do amor e do romance dentro do filme *Medianeras*, A cena se passa dentro de um quarto e apresenta dois amantes conversando com um quadro de Paris ao fundo. Tal cena reforça a idealização de Paris que construída pelo próprio cinema.



Imagem 2.1 – Medianeras (00h55'02'')

A imagem abaixo representa a forma desordenada como que crescem as cidades, sem planejamento urbano e abrigando milhares de pessoas que vivem em meio ao caos do trânsito, das imagens e das construções. No filme a qual está relacionada, representa o caos e a desorganização que existem nas cidades contemporâneas. A falta de comunicação entre os prédios, os diversos estilos de construção a desordem urbana estampada na cidade.

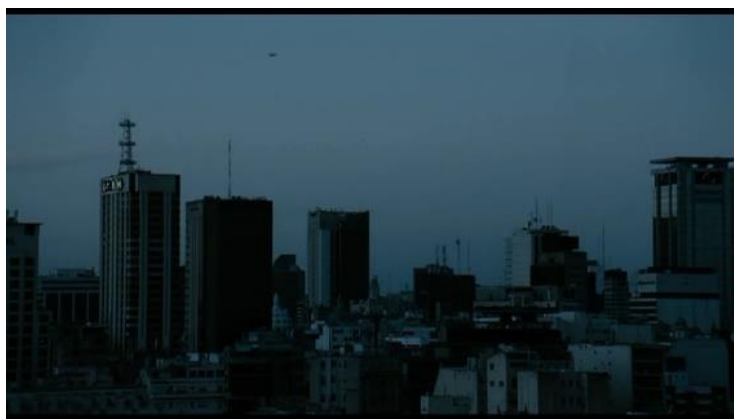


Imagem 2.2 – Medianeras (00h35'00'')

O renascimento da cidade (da vida em cidade) e a invenção do cinema eram inevitáveis com todas as transformações socioeconômicas que decorriam da época moderna. Pensar a modernidade é pensar o cinema e a vida em cidade, assim como pensar o cinema é pensar a cidade e refletir sobre as cidades representadas no cinema. O cinema e a cidade podem não ter nascido juntos, mas cresceram juntos, sendo os dois impactados pelas novas tecnologias e as novas configurações sociais que se estabelecem com o advento da modernidade. As características do cinema

estão na modernidade, as características da cidade estão na modernidade, cinema e cidade são condicionantes as características da modernidade. Segundo o cineasta Win Wenders:

O cinema e as cidades cresceram juntos e se tornaram adultos juntos. O filme é a testemunha desse desenvolvimento que transformou as cidades tranquilas da virada do século nas cidades de hoje, em plena explosão, febris, onde vivem milhões de pessoas. (1994, p.181)

A cidade possui a forma e o encanto dependendo de quem a observa, quando descrevemos uma cidade ou outra colocamos nossas impressões e nossas observações, assim como fazem os diretores de cinema. Lucas Gamonal Barra de Almeida em “*A Paris de Woody Allen: narrações sobre a cidade e suas apropriações midiáticas pelo turismo*”, escreve que:

“Todos aqueles que compõem a malha da cidade a estruturam e alteram de alguma forma, vivenciando a cidade e sendo, também, parte dela. Por isso, apresenta-se a ideia de indivíduos produtores, uma vez que suas ações refletem diretamente na constante transformação do espaço de (con)vivência. Contudo, vale ponderar que, embora as cidades se apresentem de maneira múltipla e abriguem o diverso em suas estruturas, as grandes narrativas, como o cinema, a literatura e outros produtos culturais de amplo alcance, de maneira geral, tentam aprisionar a cidade em um único sentido e leitura, restrito ao enquadramento que desejam promover”. (ALMEIDA, 2015, p. 14)

Com as transformações do mundo moderno, a afirmação do modo de produção capitalista e a valorização da classe burguesa o cinema e a cidade se transformam. A cidade ganha a velocidade da produção, o cinema desenvolvimento técnico, narrativo e estético. Tais mudanças contribuíram para que o cinema fosse ficando urbanizado e a cidade cinemática – o público também desenvolve outras sensações e sensibilidades e passa a ter outra relação com o ambiente urbano, o cinema representa um escape das tensões da vida moderna e funciona como um antídoto para a loucura da cidade. (RIBEIRO, 2013)

2.2

Paris Eu te amo – o imaginário, o real e o flâneur.

Costumam dizer uma panóplia de coisas acerca de Paris. Diz-se que é a cidade onde os artistas buscam inspiração. Costumam ainda dizer que é a cidade, onde as pessoas procuram descobrir algo de novo acerca das suas vidas. Dizem que é a cidade poderás encontrar o amor. Obviamente, na minha idade, eu não procuro nada disso. Mas durante esse dias, pensei bastante na minha vida. Ponderei se gostava de Paris e se gostaria de lá morar se tivesse dinheiro. Imaginava-me entregar o correio, todos os dias e a conhecer as pessoas que aí vivem. Tenho a certeza que são muitos simpáticas. (...) E então algo aconteceu. Algo difícil de descrever. Sentada ali, sozinha num país estrangeiro, longe do meu trabalho e de todas as pessoas que conheço, um sentimento abateu-se sobre mim. Como se eu tivesse perdido algo, algo que eu nunca tive e pelo qual eu tinha esperado. Mas sem saber o que era. Talvez seria algo que tinha esquecido. Ou algo que eu perdi durante a minha vida. Só lhes posso dizer que ao mesmo tempo eu sentia alegria e tristeza. Mas não uma grande tristeza. Porque afinal, sentia-me viva. Sim. Viva. E esse foi o momento em que me apaixonei por Paris e foi o momento em que senti que Paris também se tinha apaixonado por mim.

Paris, Eu te amo, 2006.

Uma proposta interessante para discutir a relação cidade e cinema é o projeto *Cities of love* idealizado pelo diretor francês Emmanuel Benbihy narra o amor de diversas formas e idealizações e revelando características das cidades que são, ao mesmo tempo, cenário e personagem dos filmes. Já realizado em cidades como Paris, Nova York e Rio de Janeiro, o projeto nos revela cidades multiculturais. Os filmes são formados por pequenos curtas, dirigidos por diversos diretores e possuindo assim múltiplos olhares de cada cidade. Neste capítulo vamos trabalhar com um dos filmes deste projeto: *Paris Eu te amo*.

Paris je t' aime (2006) é um filme coletivo que apresenta 18 histórias contadas por 18 diretores sobre Paris, cada história possui 5 minutos de duração e nos revela uma grande metrópole dividida em mosaicos. O filme nos ajuda a pensar sobre as cidades que conhecemos através do cinema e neste caso a Paris como capital do amor nos fazendo pensar sobre a dicotomia cidade real, seus conflitos, seu cotidiano e seus problemas versus a idealização. As cidades e seus conflitos nos aproxima do poeta Charles Baudelaire nos fala sobre a solidão da multidão, para o

autor: “Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis para o poeta diligente e fecundo. Quem não sabe povoar a sua solidão também não sabe estar só em meio a uma multidão atarefada.”(BAUDELAIRE, 1980, p. 38).

Segundo Baudelaire o artista, assim como o *flâneur*, é uma pessoa que caminha por dois mundos o da difícil realidade, pois viver numa cidade grande que nos deixa a vulnerável a diversos perigos, e o da criação que é a fuga dessa realidade e luz para compreendê-la. Os filmes escolhidos para reflexão apresentam essa dualidade. *Paris, a capital do amor*, é a cidade analisada por Baudelaire e Walter Benjamin (2000) para discutir a modernidade no final do século XIX, é nela que surge a figura do flâneur, um andarilho, ou melhor, um indivíduo que solitário caminha pela multidão e é guiado por seus prazeres e sentidos. Através da análise dessas obras podemos discutir a partir de Baudelaire e Benjamin a solidão experienciada nas grandes metrópoles.

Paris, eu te amo fala das formas de amor que existem na cidade e apresenta múltiplas visões da cidade, o fato de ser uma reunião de vários curtas da mesma temática (o amor em Paris) nos ajuda a discutir o imaginário que existe sobre a cidade. O filme fala sobre os amores possíveis e impossíveis e dessa forma nos apresenta o caráter multicultural da cidade. Segundo Ribeiro (2013), apesar de exibir encontros culturais, e não pode ser considerada uma película intercultural devido à falta de profundidade da questão, pois todos os curtas que compõem a obra não promovem um debate sobre as diferenças culturais reforçando ao mesmo tempo o estereótipos e preconceitos.

Dentre as histórias encontramos o amor entre um jovem francês e uma jovem muçulmana. Após uma queda a personagem muçulmana é auxiliada por um rapaz francês que já a admirava a distância.

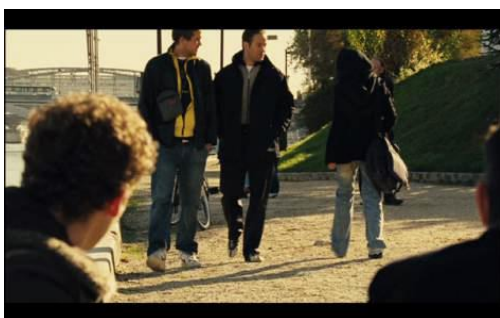


Imagem 2.3 – Paris Eu te amo (00h08’56’’)



Imagem 2.4 – Paris Eu te amo (00h08’57’’)

O episódio que narra a morte de um jovem nigeriano que se apaixona por uma jovem da mesma raça nos revela toda a incomunicabilidade que existe na vida da cidade grande. O episódio dirigido por dois cineastas brasileiros Walter Salles e Daniela Thomas, narra um a angústia de uma latino-americana que cuida de duas crianças, o próprio filho e o filho de uma família rica, o filme mostra o caminho que a mãe percorre do subúrbio ao bairro rico.

Já o episódio que mostra um turista assustado com a espera do metrô nos mostra que os contatos interculturais podem ser perigosos. O turista possui um guia de viagens que reforça a Paris estereotipada, a cidade do amor. O guia do personagem apresenta o seguinte trecho: "Paris é conhecida como a Cidades das Luzes, uma cidade de cultura, de boa gastronomia e magnífica arquitetura. Paris é uma cidade para amantes: amantes da arte, da história, da comida, amantes do amor."

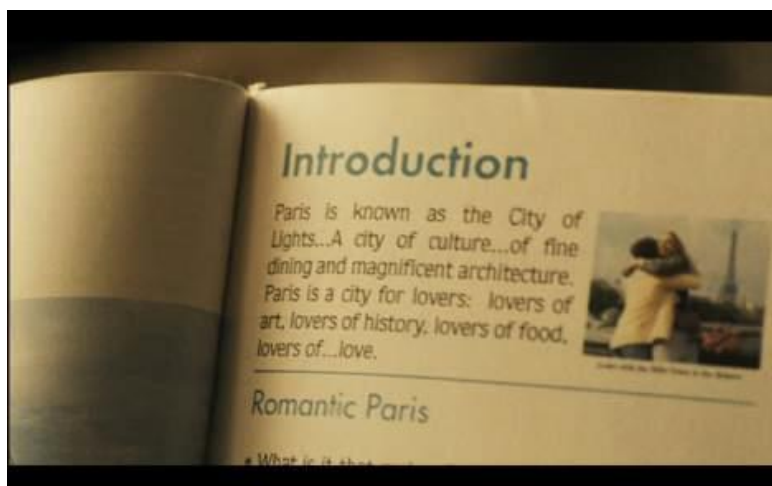


Imagem 2.5 – Paris Eu te amo (00h'21'41"''

O último episódio do filme nos mostra uma personagem (Carol) que narra seus dias de turista na cidade de Paris. Carol fala das características do senso comum que formam Paris e o que viveu nos dias que passou na cidade. A narração de Carol revela tristeza e melancolia, impregnada pela solidão das grandes cidades ela caminha pelas ruas num processo de *flânerie*.

O filme nos revela a solidão provocada pela pós-modernidade, observamos estrangeiros que tiveram acesso a novas culturas, mas não se tornaram partes dela. Carol caminha por diversos lugares, porém sem interagir com ninguém, sua solidão é constada junto ao amor que possui pela cidade.



Imagem 2.6 – Paris Eu te amo (01h48’44’)

Através do filme é possível refletir sobre as múltiplas cidades que existem em uma só, pois cada personagem possui uma representação distinta de Paris. Cada indivíduo possui uma cidade para si, segundo Calvino a cidade é o que existe dentro de nós. Retornando ao diálogo entre Marco Polo e o imperador Kublai Kan quando Marco Polo fala que: “Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles” (CALVINO, 2003, p. 61).

Paris Eu te amo, nos apresenta experiências distintas pela cidade que geram impressões diferentes sendo possível compreender que cada indivíduo carrega dentro de si a sua cidade. Segundo Renato Cordeiro Gomes “as cidades são resultado da imaginação e do trabalho coletivo dos homens que desafiam a natureza”.(2008, p.23)

2.3

Medianeras – o cotidiano midiaticizado

Buenos Aires cresce descontrolada e imperfeita. É uma cidade superpovoada num país deserto. Uma cidade ode se erguem milhares e milhares de prédios sem nenhum critério. Ao lado de um muito, tem um muito baixo. Ao lado de um racionalista, tem um irracional. Ao lado de um estilo francês, tem um sem estilo. Provavelmente essas irregularidades nos refletem perfeitamente. Irregularidades estéticas e éticas. Esses prédios, que se sucedem sem lógica demonstram total falta de planejamento. Exatamente assim é a nossa vida que construímos sem saber como queremos

que fique. Vivemos como quem está de passagem por Buenos Aires. Somos criadores da cultura do inquilino. Prédios menores para dar lugar a outros prédios, ainda menores. (...) O que esperar de uma cidade que se dá as costas ao seu rio? É certeza que as separações e os divórcios, a violência familiar, o excesso de canais a cabo, a falta de comunicação, a falta de desejos, a apatia, a depressão, os suicídios, as neuroses, os ataques de pânico, a obesidade, a tensão muscular, a insegurança, a hipochondria, o estresse e o sedentarismo são culpa dos arquitetos e incorporadores. Esses males, exceto suicídio, todos me acometem.

Medianeras, 2011.

Medianeras: Buenos Aires na Era do amor virtual (2011), foi dirigido e roteirizado por Gustavo Taretto e conta a história de dois jovens solitários, Martín (Javier Drolas) e Mariana (Pilar López de Ayala), que vivem na mesma cidade, no mesmo quarteirão de Buenos Aires, frequentam os mesmos lugares, mas não se encontram. Solitários em meio à multidão, Martín e Mariana vivem em pequenos apartamentos em prédios vizinhos, são fãs da saga Star Wars, sentem falta de uma janela e compartilham fobias e neuroses decorrentes da vida numa grande metrópole.

Medianeras nos faz seguir os caminhos de Martín e Mariana, mas também apresenta outro personagem que ajuda na discussão sobre cidade, vida moderna, tecnologia e consumo, a própria cidade de Buenos Aires. A cidade vista como um dos personagens centrais do filme representa as grandes cidades mundiais, as grandes metrópoles. As imagens que iniciam o filme nos revelam uma Buenos Aires que cresce aceleradamente e de forma desorganizada misturando diversos estilos arquitetônicos. Através de imagens e da narração de Martín é possível estabelecer uma relação entre a desordem da cidade e as angústias internas vividas pelas personagens.



Imagem 2.7 – Medianeras (00h01'34'')

A narração de Martín logo no início do filme nos apresenta uma cidade que cresce de forma desordenada e irregular, uma cidade superpovoada que constrói prédios sem nenhum critério. Martín acredita que as cidades crescem sem planejamento, assim como a nossa vida, que segundo ele, construímos sem saber como queremos que fique.

A primeira imagem de Martín no filme é quando o jovem está na frente de um computador e inicia um *chat* identificando-se como “super disponível”. Tal imagem nos revela as novas formas de relações sociais que se formam num período dominado pela tecnologia. A mesma tecnologia que nos aproxima de outros povos, culturas e pessoas, nos afasta e nos isola, a imagem de Martín em seu quarto escuro apresenta a solidão dos indivíduos que vivem numa grande cidade, sozinhos na multidão e conectados com o mundo. Martín fala que tem a sensação de que desde que se sentou à frente de um computador nunca mais o deixou e que a internet é a sua vida, pois faz tudo pelo mundo virtual: faz compras, participa de jogos, trabalha e namora. Chegando a ficar dois anos trancado em casa devido a ataques de pânico e durante seu isolamento o mundo virtual dominou a sua vida. A tecnologia que facilita a vida dos personagens e os possibilitam conhecer o mundo também os distanciam da vida, segundo Martín: “*A internet me aproximou do mundo, mas me distanciou da vida.*”



Imagem 2.8 – Medianeras (00h04'15'')

Esse excesso de informações e de imagens junto ao caos da vida na cidade grande fez surgir o que Georg Simmel (2005[1903]) em “As grandes cidades e a vida do espírito” chamou de caráter blasé. O blasé é a não reação do indivíduo a estimulação nervosa da vida em cidade, isto é, ele não é afetado pelos infinitos estímulos que lhe são impostos diariamente. O caráter blasé é visto como uma forma de fugir ao regime totalitário da imagem em que o indivíduo desenvolve uma espécie de indiferença para poder suportar a quantidade de informações que recebe ininterruptamente. Tudo é tão visual este excesso nos causa cegueira, ficamos cegos em meio a tanta informação, tantas imagens. Martín e Marina apresentam esse caráter blasé e nos revelam o quanto o cotidiano midiático interfere e transforma as nossas relações sociais, os dois personagens são indiferentes aos sentimentos. Martín ao sair pelas ruas encontrou na fotografia uma forma de redescobrir a cidade e de observar a cidade, já Mariana, formada em arquitetura, estabelece uma conversa com a cidade através da arte e das formas que observa, para ela as obras que mais aprecia são: concreto, aço e vidro.

Os dois personagens Martín e Mariana acabaram de perder, ou melhor, romper seus relacionamentos, a namorada de Martín viajou para os Estados Unidos e alegou ser muito americana para voltar para a Argentina, após esse término ele se isola em seu quarto. Mariana terminou um relacionamento de quatro anos por acreditar que seu parceiro era completamente diferente dela. A cidade também rompe o seu relacionamento com os indivíduos que caminha por ela sem a observar e sem enxergar suas belezas, ela cresce desordenada e irregular pela falta de amor dos homens que se relacionam com ela.

O filme torna possível um diálogo com Martín-Barbero (2002) que apresenta as cidades latino-americanas como representação de uma melhor condição de vida, facilidade para suprir a necessidade do consumo e como local do surgimento das novas tecnologias. Essas três características da vida numa grande cidade estão presentes no filme e são questionadas pelo diretor que nos apresenta características negativas da vida numa grande cidade. Martín-Barbero fala de uma marginalização urbana e de uma desqualificação do tecido urbano.

A partir do filme podemos perceber que a solidão faz parte do cotidiano de uma grande cidade e que a intensa quantidade de informações e imagens impostas aos indivíduos, provocam angústias que intensificam a condição de isolamento e o surgimento de neuroses.

Para os autores Bruna Borges Duarte e Ademir Luiz da Silva, no texto “Cidades Digitais: a metrópole contemporânea em medianeras” (2016), a solidão que existe nas grandes metrópoles também é representada através de uma referência ao livro “Onde está Wally?”, em que o leitor é levado a procurar o personagem Wally em meio à multidão em diversos cenários. Mariana ao falar do “Onde está Wally?”, diz que é o livro de sua vida e que ele é a origem de sua fobia por multidões provocando nela uma angústia existencial, uma angústia de saber que é alguém perdido na multidão. O próprio cartaz de divulgação do filme Medianeras faz referência ao “Onde está Wally?”, como podemos ver abaixo.



Imagem 2.9 – Medianeras (00h17'48'')

A solidão também pode ser representada na cena em que Mariana simula fazer sexo com um manequim que reforma. A cena nos diz que mesmo vivendo um momento de perda das relações sociais, de distanciamento do outro, nós desejamos e necessitamos do outro. A tecnologia que através de um computador ou de um telefone, nos leva a conhecer novos mundos e cidades, pessoas e culturas, nos possibilita baixar uma música, um filme, que nos possibilita o amor (mesmo que virtual) e nos permite a compra e consumo de quaisquer produtos, junto ao medo e as neuroses de se viver numa cidade grande contribuem para o isolamento e para a solidão dos indivíduos.



Imagem 2.10 – Medianeras (01h12'30'')

Medianeras e o seus três personagens, Martín, Mariana e Buenos Aires possuem relações distintas com a tecnologia, enquanto Martín é dominado por ela, Mariana raras vezes utiliza as redes sociais ou algum outro aparelho. Já Buenos Aires sente os avanços tecnológicos nas novas construções e no caos visual que se tornou. Os três sofrem com a solidão do mundo moderno e possuem dificuldade para se relacionar com outro.

2.4

Babel – o drama da modernidade

Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra.

Gênesis 11:9

Babel (2006) faz referência ao livro Gênesis, primeiro livro da Bíblia do Antigo Testamento, onde no capítulo onze versículo nove o homem resolve construir uma torre que chegasse aos céus. O texto explica que, irritado com tal audácia, Deus enviou um castigo aos homens para que começassem a falar línguas diferentes medida que causou desentendimento e impediu a construção da torre.

O filme é terceiro longa-metragem do diretor mexicano Alejandro Gonzalez Iñárritu que conta quatro histórias que se conectam ao acaso, de um casal que está em crise e viaja para o Marrocos, de dois irmãos de uma família marroquina, uma mexicana que trabalha em Los Angeles, uma japonesa com deficiência auditiva e uma empregada doméstica. Todos envolvidos num evento que vai transformar suas vidas.

Babel mistura personagens de culturas diferentes através de uma tragédia e apresenta os desdobramentos que tal acontecimento gera na vida dos indivíduos de acordo com sua situação social. A tragédia em *Babel* ocorre quando uma bala perdida disparada por um menino marroquino acerta um ônibus de turistas que realizava um passeio pelas montanhas. O tiro acerta uma turista estadunidense que fica entre a vida e a morte, longe de sua família, amigos e de sua cultura, na imagem abaixo podemos ver o desespero do marido da personagem atingida pela bala e sua impotência em se comunicar para poder salvar sua esposa.



Imagem 2.11 – Babel (00h19'33'')

O roteiro é de Guillermo Arriaga, que também escreveu os outros dois filmes da trilogia *Amores Brutos* (2000) e *21 Gramas* (2003). Tal qual os filmes anteriores a narrativa de *Babel* (2006) também é contada através de uma forma fragmentada e não linear em que a história não possui ordem cronológica e apresenta cenas do passado, presente e futuro de maneira aparentemente solta. Não temos nenhuma indicação de que se trata do passado, do futuro ou do presente.

Um filme sobre as diferenças culturais e as relações de encontros, desencontros, diferenças e dominação, isto é, um filme sobre o não entendimento entre os homens de diferentes culturas. Sobre o mito da torre de Babel e a falta de comunicação, Renato Cordeiro Gomes diz que:

O mito de Babel (Gen. 11, 1-9) é um acontecimento de disjunção que, em sua estrutura narrativa, é circunstanciado como fenômeno e catástrofe social. A Torre é o símbolo da confusão, e sua construção indica centramento, desafio do homem que se eleva desmesuradamente. Símbolo da empresa orgulhosa e tirânica, sua destruição aponta para o desvio, a dificuldade de comunicação (tema que as narrativas literárias e midiáticas exploram fartamente) e o isolamento como castigo (“Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros”, diz a Bíblia); é resultado da explosão da humanidade em frações hostis. (2008, p.4)

Partindo da premissa de que o filme é sobre a falta de comunicação entre os indivíduos é possível observar a falta de diálogo presente em todo o filme seja pelas diferenças linguísticas, culturais, econômicas ou pelas crises existenciais. Um exemplo desse ruído que impede as pessoas de se relacionarem e de escutarem-se, é o caso dos personagens Richard (Brad Pitt) e Susan (Cate Blanchett) que mesmo partilhando da mesma cultura não conseguem se entender, a viagem ao Marrocos na busca por um reencontro após a morte de um filho.



Imagem 2.12 – Babel (00h18’42’)

A personagem Chieko (Rinko Kikuchi) é uma adolescente japonesa surda-muda que sofre de diversas maneiras com a falta de comunicação com o outro, pois além da limitação física de se comunicar com as outras pessoas, sofre preconceito por ser virgem. A falta de comunicação e a surdez do mundo estão em todo o filme e não só na japonesa surda-muda.

Já a babá mexicana Amélia (Adriana Barraza) que cuida dos filhos do casal Pitt e Blanchett, trabalha de forma ilegal nos Estado Unidos e leva as crianças para o México para não perder o casamento do filho, todavia, a bala perdida que acerta a personagem de Blanchett é considerada um atentado terrorista, influenciando a relação da fronteira entre o México e os Estado Unidos e impedindo o retorno da babá com as crianças para a casa dos patrões.



Imagem 2.13 – Babel (01h00'54'')

Ao pensar as diferenças ao longo do filme podemos relacionar a cena em que o tiro acerta Susan ao mito da torre de Babel quando Richard desesperado, vendo a mulher baleada, não consegue se comunicar com ninguém. Este acidente que deixa Susan entre a vida e a morte vai ser considerado um atentado terrorista pelo governo estadunidense deixa o país em regime de alerta ocasionando o aumento da vigilância na fronteira com o México e impedindo o retorno de Angélica com os filhos de Susan e Richard para os Estados Unidos.

O rifle dado como um presente por um rico turista japonês ao seu guia marroquino inicia a série de acontecimentos, em escala global, que são desenvolvidos pelo filme. Os filhos do guia marroquino, utilizando o rifle que o país ganhou do

japonês, acertam um tiro na janela de um ônibus de turistas e este pega em Susan. O japonês que deu o rifle ao marroquino é o pai de Chieko, a adolescente surda-muda que passa por diversos problemas de aceitação, inclusive pelo pai. Os meninos marroquinos são perseguidos pela polícia como terroristas e o mais velho é baleado e morto.

A *Babel* de Iñárritu é representada também com a falta de diálogo entre a polícia e os cidadãos seja no Marrocos ou na fronteira com o México. No Marrocos a família não consegue explicar que o tiro que acertou Susan foi um acidente provocado por duas crianças e são perseguidas pela polícia. Já a imagem abaixo mostra a intolerância e a falta de escuta do policial estadunidense com os mexicanos que tentam levar as crianças de volta para casa. A fronteira intensifica a fiscalização que pode acreditar que o governo está sofrendo um ataque terrorista.

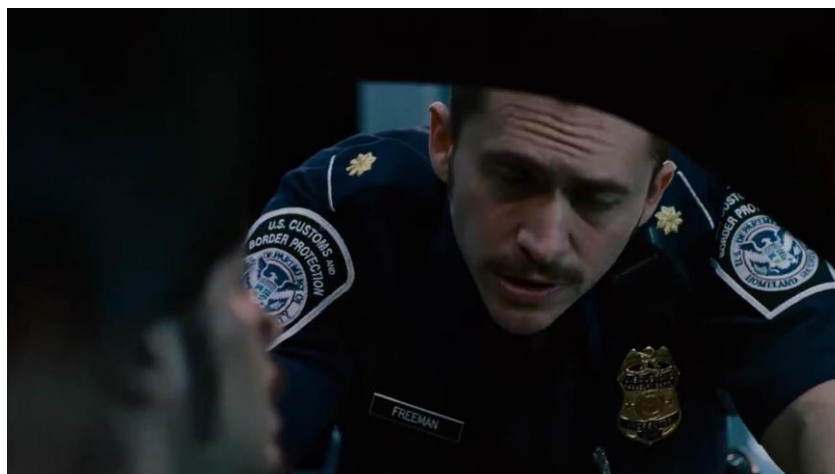


Imagem 2.14 – Babel (01h25'32'')

Outra constante no filme, além da incomunicabilidade de seus personagens, é a presença da morte em todos os núcleos. A morte acompanha Susan mesmo antes de viajar, pois a ida ao Marrocos com o marido é uma tentativa de reconciliação após a morte de um filho recém-nascido. Com a bala perdida que atinge Susan está agoniza durante todo o filme junto ao marido Richard que tanta salvá-la. Junto ao casal o grupo de turistas que estava no ônibus sofre com o mesmo medo ao acreditar que o tiro teria sido um possível ataque terrorista. Os turistas tentam fugir da morte mesmo que tenham que abandonar Susan e Richard pelo caminho.

Enquanto isso, na fronteira com o México, os filhos de Susan e Richard são abandonados no deserto após não conseguirem atravessar a fronteira com Amélia

que sente a dor de perder as crianças que ajudou a criar. No Japão a personagem de Chieko sofre com a morte da mãe e as lembranças que atormentam sua família e provocam um afastamento entre ela e seu pai. Retornando ao Marrocos, a polícia persegue os meninos acreditando que são terroristas e uma das crianças é assassinada.

O filme passa por três universos distantes e distintos, Marrocos, México (a fronteira com os Estados Unidos) e Tóquio e revela o como um episódio isolado pode ter repercussões na vida de muitas pessoas e assumir um caráter global. Pensado nas consequências desse processo de globalização e de afirmação e exclusão das diferenças, Néstor García Canclini em, *Diferentes, desiguais e desconectados* (2004), propôs a troca do termo multicultural para o de intercultural. Segundo o autor citado por Souza (2008), enquanto o primeiro termo:

(...) se pauta pela diversidade de culturas, “sublinhando sua diferença e propondo políticas relativas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação”. O segundo termo, intercultural e globalizado, “remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção do social: multiculturalidade supõe aceitação do heterogêneo; interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos” (SOUZA, 2008, p. 18)

A globalização interligou os povos, culturas e economias e gerou uma nova relação entre os indivíduos. O desenvolvimento dos meios de comunicação encurtou as distâncias entre diferentes povos e facilitou as trocas comerciais. Todavia, esse encurtamento das distâncias também possibilitou o confronto entre culturas, percebe-se assim o drama da modernidade e as disputas entre a tradição e o moderno, entre o novo e o velho, isto é, mesmo tendo acesso a todo tipo de cultura e as milhares de informações diárias vive-se um período de constante mudança e desintegração onde *tudo que é sólido desmancha no ar* (BERMAN, 1986, p. 15). Essa dualidade existente na sociedade contemporânea é o que reforça a falta de comunicação entre as sociedades.

As questões entre tradições e rupturas, velho e novo, são apontadas por Canclini (2006) no conceito de hibridismo em que países ainda possuem uma cultura anterior a modernidade, tal questão possibilita a eclosão de choques culturais em que a prática adotada com o diferente é a exclusão como no caso da babá abandonada no deserto com duas crianças estadunidenses que recebe ameaças da polícia e é proibida de retornar aos Estados Unidos.

Os meios de comunicação que possibilitariam a aproximação das pessoas utilizam episódios como a bala perdida que acertou Susan para reforçar as diferenças e os preconceitos. Tal prática sensacionalista preenche os noticiários do mundo inteiro todos os dias, no caso de Babel o tiro que acertou Susan, “uma turista americana que teria sofrido um ataque terrorista”, chega ao noticiário japonês.